

OS ESTEREÓTIPOS DO “MITO NEGRO” EM PERSONAGENS PRETOS DO CINEMA NACIONAL ENTRE OS ANOS DE 2012 E 2019

Venécio Bernardo do Nascimento¹ , Larissa Ferreira Rodrigues¹ 
Noélya dos Reis Moreira¹ , Natalia Santos Marques¹ 

RESUMO

As tecnologias de raça são produtos culturais que interpelam as subjetividades e reproduzem desigualdades raciais. Através dessas tecnologias, representações racistas como os estereótipos do Mito Negro (MN) são culturalmente transmitidas. Portanto, investigou-se o cinema brasileiro enquanto tecnologia de raça, através da análise dos estereótipos do MN presentes nos personagens pretos dos elencos principais entre os 10 filmes brasileiros mais vendidos entre os anos 2012 e 2019. Prezando por fidedignidade, a categorizações dos personagens pretos e dos estereótipos do MN foi realizada por quatro assistentes de pesquisa através de análises dos trailers desses filmes. Dessa forma, a primeira e a segunda fase das categorizações obtiveram índices de concordância, respectivamente, de 76% e 70%. Além da baixa representação de homens pretos (7,56%), os personagens apresentam a recorrência dos estereótipos: Despossuído de valores, civilidade e humanidade; Miserável; Exótico; Ruim; Superpotente sexualmente; e Feio. Em suma, os filmes nacionais mais vendidos têm reproduzido estereótipos do MN, atuando como tecnologia de raça.

Palavras-chave: Estereótipo racial, Racismo, Masculinidade, Filmes cinematográficos, Análise do Comportamento.

THE STEREOTYPES OF THE “MITO NEGRO” IN BLACK CHARACTERS OF NATIONAL CINEMA AMONG THE YEARS 2012 AND 2019

ABSTRACT

Technologies of race are cultural products that interpellate subjectivities and reproduce racial inequalities. Through these technologies, racist representations such as the “Mito Negro” (MN) stereotypes are culturally transmitted. Therefore, Brazilian cinema as a technology of race was investigated by analyzing the stereotypes of the MN present in the Black characters in the main casts among the top 10 Brazilian movies between the years 2012 and 2019. To get reliability, the categorization of the black characters and the “Mito Negro” stereotypes was carried out by four research assistants. Thus, the first and second phases of the categorizations obtained agreement rates of 76% and 70%, respectively. Besides the low representation of Black men (7.56%), the characters present the recurrence of the following stereotypes: Devoid of values, civility and humanity; Poor; Exotic; Bad; Sexually potent; and Ugly. In short, the best-selling domestic movies have strongly reproduced “Mito Negro” stereotypes, acting as race technology.

Keywords: Racial stereotyping, Racism, Masculinity, Movies, Behavior analysis.

¹ Universidade Federal do Ceará
Autor Correspondente: Venécio Bernardo do Nascimento
E-mail: : veniciusbernardopsi@gmail.com
Recebido em 4 de Outubro de 2023 | Aceito em 12 de Abril de 2024.

1. INTRODUÇÃO

Socialmente são ensinadas diversas configurações de práticas de como ser homem diante das relações de gênero. Devido a essa pluralidade de configurações, o termo “masculinidades” ganha destaque nas discussões (Connell, 1995). Desse modo, os privilégios masculinos não são os mesmos entre os homens, pois variáveis como a raça, classe social e sexualidade também afetam as relações de gênero (Correa, 2018; Zanello, 2018). Correa (2018) aponta que diante da masculinidade do homem branco heterossexual, há posições subalternizadas, tais como: homens negros; pobres; não heterossexuais; e outros. No que concerne aos negros, é válido ressaltar que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apresenta a população negra brasileira como aqueles autodeclarados como pretos e pardos (Rousseff *et al*, 2013).

Dessa maneira, uma vez que as masculinidades negras estão inseridas em posições subalternas, torna-se necessário definir o conceito de subalternidade. Este refere-se a condições inferiorizadas nas relações sociais que alguns grupos estão expostos, os quais são formados por massas dominadas (Gramsci, 2001). Assim, na escrita de Almeida (2018), percebe-se que a história de subalternização de homens negros é impulsionada com o uso do conceito de raça aplicado a seres humanos, em que por volta do século XVI, a raça tinha a principal função de classificar os sujeitos e apontar o homem europeu branco como superior, o qual era considerado como o “homem universal” pela cultura renascentista (Almeida, 2018).

Dessa forma, o padrão de homem universal contribuía com a perspectiva de que ele era civilizado e precisava levar sua cultura para outros lugares considerados primitivos (Almeida, 2018). Almeida apresenta que esta perspectiva era uma das justificativas do colonialismo, o qual resultou em destruição, morte e dominação de vários povos. No século XIX, pseudociências dedicaram-se a consolidar a perspectiva de “homem universal”; exemplo disso foi a ideia de que a pele não branca e o clima tropical indicam baixa inteligência e contribuem para comportamentos imorais e violentos (Almeida, 2018).

Almeida (2018) enfatiza que o processo de colonização teve papel crucial na subalternização da população negra, em que invasores da Europa dominaram o povo nativo e traficavam outras populações, principalmente do continente africano, para ocuparem o lugar de mão de obra escravizada nas grandes propriedades. Em vista disto, Souza (1983) afirma que a sociedade escravista transformou o negro em escravo e demarcou o seu lugar de subalterno.

A partir disso, em função de justificar sobretudo a escravização, intensificaram-se a desumanização e inferiorização de pessoas negras e de sua cultura através de práticas como os estereótipos raciais (Correa, 2018; Prado Júnior, 1961). Os estereótipos são conhecimentos e expectativas cristalizados que influenciam um juízo de valor sobre os grupos humanos e seus membros (Brunelli, 2016).

A esse respeito, Souza (1983) apresentou a sistematização de um conjunto de estereótipos raciais recorrentes na cultura brasileira, os quais foram identificados através de uma pesquisa na qual a autora coletou falas de pessoas negras com o objetivo de identificar a perspectiva de ser negro em uma sociedade dominada por uma cultura branca. Assim, a autora apresenta em sua escrita o “Mito Negro” (MN), conceito que se refere a um conjunto de relações simbólicas pejorativas associadas ao ser negro e que contribuem com a manutenção do racismo na medida em que replicam tal mito. Ademais, muitos dos estereótipos apresentados no MN relacionam-se com a inferiorização do negro ainda no período da colonização brasileira.

De acordo com as discussões sobre o “Mito Negro” apontadas por Souza (1983), são descritos os seguintes estereótipos: o irracional, que compreende uma representação do negro como desprovido de bom senso; o feio, como todo aquele que afasta-se do padrão estético branco que é ensinado como belo; o sujo, que vincula o ser negro à condições de falta de higiene; o ruim, que retrata, muitas vezes, pessoas negras como

seres violentos; o exótico, que expressa o sentido de incomum; o sensitivo, como o negro possuído de uma sensibilidade privilegiada que muitas vezes se materializa em ritmicidade e musicalidade; o superpotente sexualmente, que é apresentado como uma objetificação do corpo negro; o despossuído de valores, civildade e humanidade - o que leva evidentemente à desumanização do negro; o miserável, que aponta o negro como desprovido econômica, política e socialmente; e o resistente fisicamente, que é um resquício da escravização, em que, nesse contexto histórico, retratava o negro como “besta de carga”. Dessa maneira, percebe-se que, embora alguns estereótipos, topograficamente, possam aparentar uma representação valorosa da população negra, a função deles é de desumanizar o negro, mesmo que de forma encoberta. Exemplos disso são a superpotência sexual; a resistência física; e o negro sensitivo (Correa, 2018; Souza, 1983).

A replicação desses estereótipos, enquanto práticas de subalternização dos negros, configuram uma dimensão do chamado racismo estrutural, o qual é a construção social de práticas históricas, culturais e interpessoais que acarretam privilégios e desvantagens a depender do grupo racial pertencente (Almeida, 2018; Melo, 2020). Em termos analítico-comportamentais, podemos descrever o racismo estrutural a partir da perspectiva de que, em uma cultura racista, os sujeitos frequentemente aprendem e transmitem práticas culturais entre gerações, que culminam em desvantagens para pessoas negras, visto que a cultura consiste em uma significativa fonte de determinação dos comportamentos dos indivíduos (Skinner, 1953/2003).

Segundo Glenn (2004), práticas culturais são conteúdos comportamentais transmitidos entre gerações de indivíduos de uma mesma cultura, de tal modo que se pode considerar uma cultura como um conjunto de práticas culturais (Dittrich, 2004). Portanto, uma vez que o ambiente social é racista e reproduz estereótipos sobre pessoas negras, é provável que os membros desta cultura aprendam a se comportar diante de indivíduos negros com base nesses padrões comportamentais (Stangor & Lange, 1994).

Dessa forma, pode-se entender que o racismo possui também papel no processo de construção de subjetividade (Almeida, 2018; Silva & Araújo, 2020). Afinal, a subjetividade é compreendida pela análise do comportamento como um produto social, de modo que a comunidade verbal ensina o indivíduo a viver, pensar e ser (Moroz *et al.*, 2005). Nesse viés, as subjetividades são interpeladas por diversos produtos da cultura considerados pertencentes às mídias, como as “tecnologias de raça”, as quais são produtos culturais que têm função de reafirmar e produzir desigualdades raciais, por exemplo, o cinema. Este pode atuar como tecnologia de raça através de diversas formas, inclusive por meio da replicação de estereótipos raciais (Sales & Pereira, 2020).

É válido ressaltar que Dittrich *et al* (2013) apontam as mídias como agências de controle, estas têm função de controlar um conjunto específico de variáveis de forma mais organizada e com maior sucesso, outros exemplos além das mídias, são: governo, religião, psicoterapia, economia e educação (Skinner 1953/2003).

Diante dessas discussões, percebe-se que o cinema como uma tecnologia de raça é também produto de uma cultura predominantemente racista, assim, pode-se apontar que conseqüentemente há replicação de padrões comportamentais de inferiorização dos negros. As práticas de inferiorização das masculinidades negras no cinema brasileiro acontecem desde o seu início, exemplo disso eram os ideais eugenistas expressos por parte da comunidade artística, tal como repreensões da Cinearte diante da presença de negros e índios nas produções brasileiras na década de 1920 (Correa, 2018).

Atualmente, ainda são identificadas no cinema práticas que culminam em desvantagem para negros, por exemplo, a baixa representação e estereótipos de raça. Por essa perspectiva, Candido *et al.* (2016) analisaram 238 filmes de maior bilheteria entre os anos 2002 e 2013. Os autores selecionaram os filmes de acordo com as listagens de maiores bilheterias disponibilizadas pela Agência Nacional do Cinema (ANCINE), foram excluídos da análise documentários e filmes infantis. A classificação referente a variável de raça seguiu o

critério da heteroidentificação, método este que implica na descrição de grupos de cor feita pelos próprios pesquisadores que seguiu as categorias instituídas pelo IBGE, as quais são: branca, preta, parda, amarela e indígena. Enquanto a variável de gênero, utilizaram-se da classificação dos indivíduos em gênero masculino, feminino e transgênero. Verificou-se nesse estudo que entre as funções de direção, roteirização e atuação todas elas são dominadas por homens brancos. Ademais, além dos homens negros possuírem uma baixa representação, em sua maioria, eles ocupam posições subalternas diante de brancos.

Para mais, faz-se importante destacar que o cinema enquanto uma tecnologia de raça possui grande influência social, uma parte das evidências disso é a circulação milionária nas bilheterias brasileiras, por exemplo, em 2019 o filme de maior venda (*Nada a Perder 2*) movimentou quase 60 milhões de reais (ANCINE, 2019). Dessa forma, dada essa expressividade de poder social, político e econômico da indústria cinematográfica, a fim de compreender o papel do cinema brasileiro na manutenção do MN diante das masculinidades negras, este estudo teve como objetivo analisar a replicação dos estereótipos do “Mito Negro” presentes nos 10 filmes brasileiros de maior bilheteria entre os anos de 2012 e 2019.

2. METODOLOGIA

Este estudo trata-se de uma pesquisa documental quanti-qualitativa. Tal como definida por Kripka, Scheller e Bonotto (2015), a pesquisa documental é um procedimento que se utiliza de métodos e técnicas para a coleta, compreensão e análise de documentos. Ademais, os estudos com métodos mistos combinam os métodos de pesquisa qualitativos e quantitativos, ou seja, fornecem descrições detalhadas de fenômenos complexos e amostras quantitativas que contribuem para o objetivo da pesquisa (Galvão, Pluye & Ricarte, 2017).

Nesse viés, tal como realizado pelo estudo de Candido *et al.* (2016), para coletar dados confiáveis referentes à produção cinematográfica nacional, foram investigados os anuários oficiais da ANCINE (<https://oca.ancine.gov.br/cinema>). Desse modo, foram analisados os trailers dos 10 filmes brasileiros de maior bilheteria, por ano, dos últimos oito anos (2012-2019), listados pela Agência Nacional do Cinema (ANCINE) em seus anuários oficiais. O recorte temporal adotado de oito anos se deveu à indisponibilidade de anuários oficiais referentes aos anos de 2020 e 2021. Ademais, oito filmes dos 80 listados entre o recorte temporal apareceram em mais de uma lista, por terem, por mais de um ano, atingido alta bilheteria. Excluindo-se as repetições, foram analisados, no total, 72 longas-metragens de 21 gêneros diferentes.

Após a seleção dos filmes que compuseram as fontes de dados analisados, foram extraídas imagens (fotografias) dos principais personagens dos filmes, coletadas no Google Imagens. Essas imagens foram classificadas em termos de raça (pretos ou pardos) por dois assistentes de pesquisa ingênuos em relação aos objetivos do estudo, que atuaram como observadores; aqueles que não foram classificados considerou-os como “outros”. Os observadores foram randomizados em termos de raça: dois se autodeclararam como brancos e dois como negros. Este critério foi estabelecido, principalmente, em função de evitar o “viés de raça”, que é considerado pelos autores Mendes, Arrais e Fukusima (2009) como a dificuldade de identificar pessoas que possuem origem diferente do observador. É válido ressaltar que o letramento racial não foi estabelecido como critério, foram graduandos de psicologia que se prontificaram a colaborar como auxiliar de pesquisa.

Os observadores responderam a um formulário on-line no qual as imagens de todos os personagens dos núcleos centrais dos filmes analisados foram apresentadas randomicamente (entre núcleos de filmes e entre observadores). Os assistentes de pesquisa tinham como tarefa classificar cada imagem em termos de raça: preto(a) ou pardo(a). Aqueles não classificados foram considerados como de outra raça. Assim, os observadores classificaram um total de 238 personagens, 135 homens e 103 mulheres. Foi então medido o índice de acordo entre as classificações realizadas pelos observadores, a partir da aplicação da seguinte fórmula: índice de

concordância = $[(\text{Concordâncias} / (\text{Concordâncias} + \text{Discordâncias})) \times 100]$. O índice de concordância obtido entre os observadores do estudo foi de 76%. Considerando o nível de acordo alcançado entre os observadores, os personagens categorizados como pretos pelos observadores compuseram o conjunto de personagens em relação aos quais a presença dos estereótipos do MN foi posteriormente analisada.

A segunda etapa da pesquisa correspondeu à classificação apenas dos personagens pretos em torno das categorias do MN, não houve concordância de pardos entre os dois observadores, assim, não foi possível avançar a análise com esse público de personagens. Portanto, as categorias, nessa etapa, foram analisadas de acordo com os estereótipos apresentados por Souza (1983): o irracional; feio; sujo; ruim; exótico; aquele desprovido de valores, civilidade e humanidade; miserável; sensível; resistente fisicamente; e o negro superpotente sexualmente. Nessa fase, outros dois assistentes de pesquisa (um autodeclarado branco e outro negro), também ingênuos em relação aos objetivos do estudo, atuaram na classificação das imagens em torno das categorias analíticas. O recurso a observadores externos na categorização dos estereótipos foi utilizado como meio de evitar vies dos pesquisadores. Para essa fase, um novo formulário online foi aplicado, contendo 18 personagens homens pretos. Ademais, os personagens masculinos pretos foram divididos em 11 seções, sendo cada uma com um elenco preto diferente. Nesse viés, cada seção do formulário continha o trailer oficial do filme, a imagem dos personagens homens pretos e as opções com todas as categorias do “Mito Negro”, além da alternativa “não se aplica”. Nessa etapa, o índice de concordância entre os observadores foi de 70%. A partir de tais categorizações em termos de raça e estereótipos raciais, foi realizada a análise de dados, a qual consistiu na investigação da presença e frequência de cada categoria do MN.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 REPRESENTATIVIDADE DE PRETOS NO CINEMA NACIONAL ENTRE 2012 E 2019

O acordo entre observadores aponta que entre todos os elencos principais dos 10 filmes de maior bilheteria no período de oitos anos (2012-2019), que equivale a 238 personagens, a representação de homens pretos é cerca de 7,56% (n=18). A porcentagem de mulheres pretas é quase três vezes menor, cerca de 2,52% (n=6), ou seja, pretos e pretas representam 10% (n=24) de todos os personagens analisados. Em contraste, homens de outros grupos raciais representam 49,16% (n=117) e mulheres de outros grupos étnicos estão com percentual de 40,76% (n=97). Portanto, há uma baixa representação da população preta.

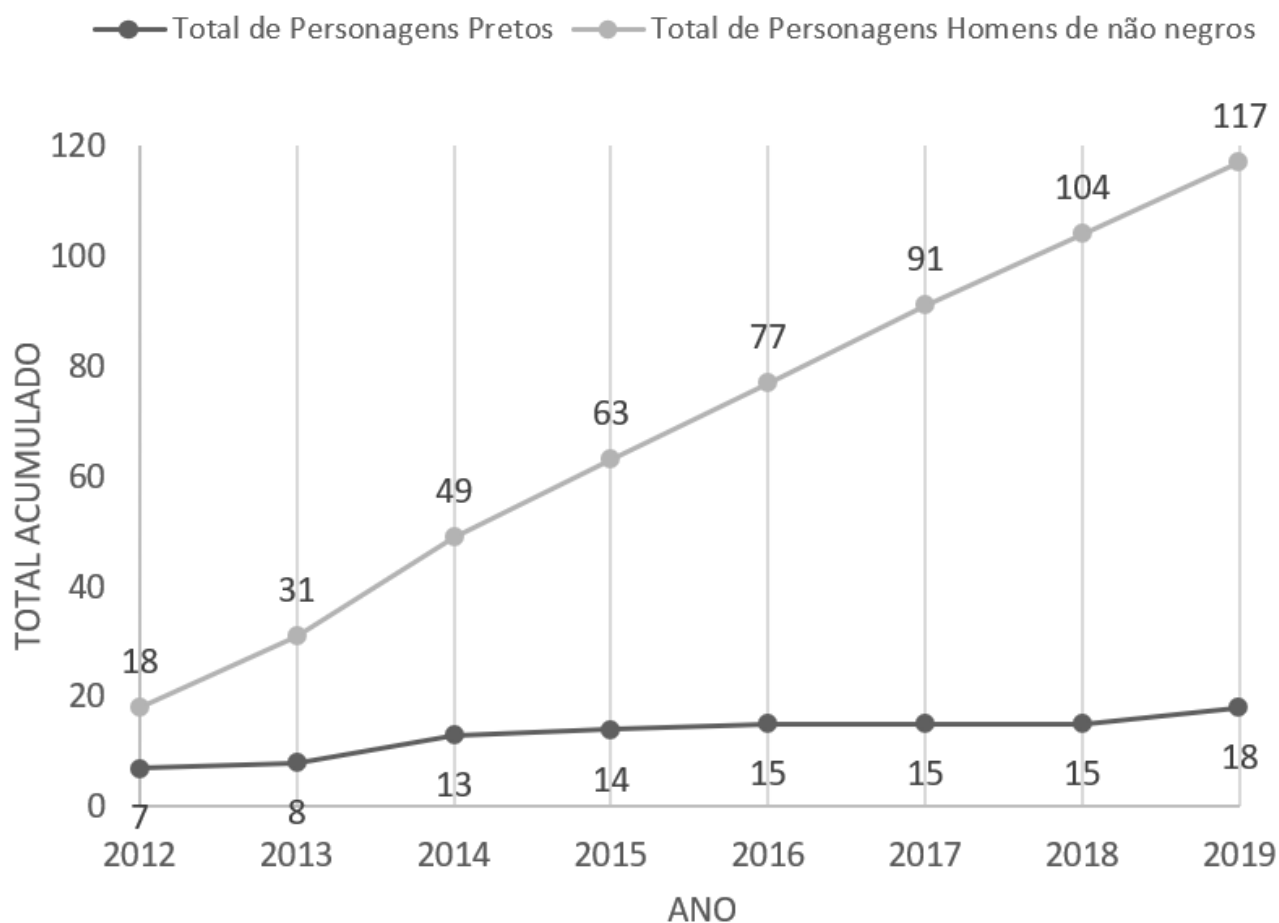
Nesse sentido, apesar de Almeida (2018) apontar que apenas a representatividade não é suficiente ao enfrentamento do racismo, ele ressalta a sua grande importância, já que em muitos casos ela é o ponto de partida para a transformação. Ademais, os resultados apontam que a maioria dos personagens analisados eram de homens não negros, seguido de mulheres não negras, homens pretos e, finalmente, mulheres pretas.

Apesar deste estudo não apresentar dados de acordo entre observadores sobre homens brancos, através da heteroidentificação por parte dos auxiliares de pesquisa, percebe-se que a maioria dos homens incluídos na categoria “outra raça” são brancos. Esses resultados coadunam com a discussão de Zanello (2019), que afirma que homens brancos sempre são mais “poupados” e estão no topo da hierarquia social. Essa hierarquização entre personagens relevantes do cinema brasileiro replica o contexto dos mais diversos setores da cultura, na qual os homens brancos e mulheres brancas ocupam o primeiro e segundo posto hierárquico, enquanto homens pretos em terceiro e mulheres pretas em último (Hooks, 1981).

Por conseguinte, a Figura 1 apresenta a distribuição do número bruto da quantidade de personagens pretos e não pretos ao longo dos anos, desconsiderando as repetições de personagens nos casos em que o mesmo filme foi listado em mais de um ano dentre os 10 de maior bilheteria. Os dados da Figura 1 indicam

o aumento consistente e estável no número de personagens homens não negros, a cada ano. O mesmo não ocorre entre os homens pretos, cuja representatividade reduz ao longo dos anos, chegando a zero por dois anos consecutivos (2017 e 2018).

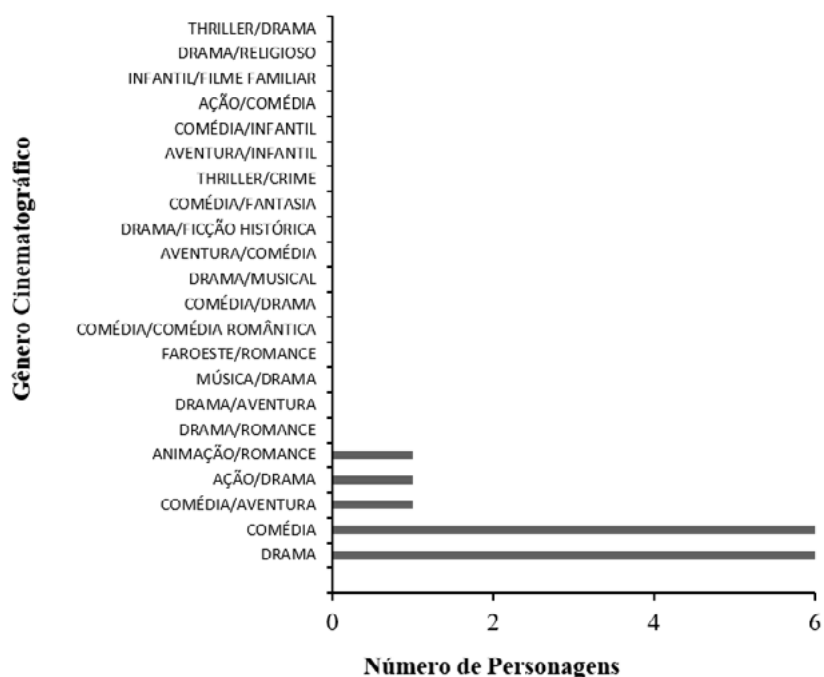
Figura 1. Total de homens pretos e de não negros inseridos nos elencos principais entre 2012-2019



Elaborado pelos autores

Ademais, as 72 longas-metragens analisadas são distribuídas em 22 gêneros diferentes, tal como descrito na Figura 2. O gênero com maior volume de produções é a comédia, com 44 dos 72 filmes, seguido pelo drama e a combinação comédia/comédia romântica, ambas com quatro filmes. Como é possível observar na Figura 2, apenas cinco dos 22 gêneros cinematográficos registrados possuem representação de homens pretos, os quais são: Drama; Comédia; Comédia/Aventura; Ação/Drama; e Animação/Romance. Esse dado pode estar relacionado ao lugar de representação que é dado ao homem preto, seja como uma posição dramática, muitas vezes em situação de miséria, ou no âmbito de entreter através de papéis cômicos. Uma outra possível explicação seria a proporcionalidade com o volume total das produções, dado que o drama e a comédia são os gêneros com maior produção e, conseqüentemente, com maior probabilidade de incluir homens pretos.

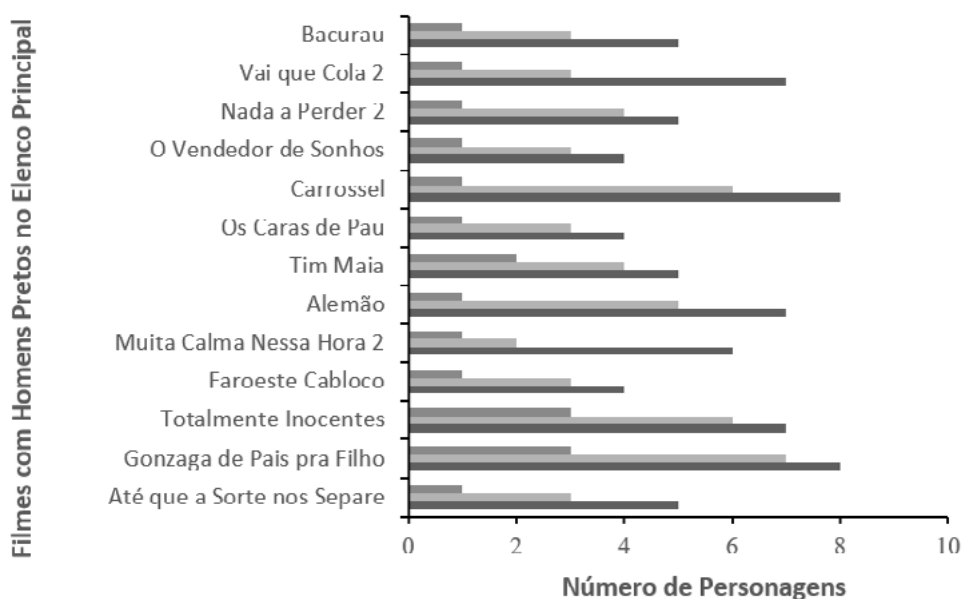
Figura 2. Distribuição dos atores homens pretos por gênero cinematográfico dos filmes consultados



Elaborado pelos autores

A Figura 3 apresenta todos os filmes que possuem homens pretos inseridos no elenco principal. Este gráfico permite também a comparação numérica entre a distribuição de pretos e o número total de personagens do elenco central, além de expor também a quantidade total de homens. Portanto, mais uma vez os dados estão de acordo com as reflexões teóricas apresentadas neste estudo, em que apesar da maioria dos personagens de evidência serem homens, as masculinidades pretas são quase sempre menos de um terço do total de homens.

Figura 3. Distribuição de Homens Negros no Núcleo Central de Cada Filme



Elaborado pelos autores

3.2 A REPLICAÇÃO DO “MITO NEGRO” EM PERSONAGENS HOMENS PRETOS

O percentual de personagens pretos que foram categorizados por ambos os observadores, em pelo menos um estereótipo do “Mito Negro”, entre os três primeiros anos de análise (2012, 2013 e 2014) mais da metade dos personagens pretos representaram estereótipos do MN. Nos anos de 2015 e 2016, todos os personagens homens pretos incluídos em algum elenco central foram categorizados em torno dos estereótipos do “Mito Negro”. Ademais, em 2017 e 2018 não houve inclusão de homens pretos nos elencos principais. Apenas em 2019 o acordo entre observadores aponta que nenhum dos personagens pretos replicava os estereótipos do “Mito Negro”.

O acordo entre observadores aponta que entre os 10 estereótipos apresentados por Souza (1983) no Mito Negro, seis foram manifestos em pelo menos um personagem preto, os quais são: Despossuído de valores, civilidade e humanidade; Miserável; Exótico; Ruim; Superpotente sexualmente; e feio. A Tabela 1 apresenta que o estereótipo de maior frequência foi o “Miserável”, com o total de seis replicações entre os anos 2012 a 2016. Os estereótipos do Mito não foram identificados nas produções dos anos de 2017 e 2018 pelo fato dos observadores não apontarem nenhum homem preto entre os elencos principais.

Tabela 1. Aparições dos Estereótipos do “Mito Negro” em personagens pretos ao longo do tempo

ANOS	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2020	TOTAL
ESTEREÓTIPOS	Despossuído de valores, civilidade e humanidade	1	1	1	0	0	0	0	3
	Miserável	3	1	1	0	1	0	0	6
	Ruim	0	1	1	0	0	0	0	2
	Superpotente sexualmente	0	1	0	0	0	0	0	1
	Feio	0	0	0	1	1	0	0	2
	Exótico	1	0	1	1	0	0	0	3

Elaborado pelos autores

Os dados expressos na Tabela 2 apontam que além da baixa inserção de homens pretos em papéis relevantes para o enredo, existe um processo de inferiorização dos mesmos, já que nas poucas aparições eles carregam consigo estereótipos de raça. Assim, não é uma contingência o fato dos homens brancos dominarem as principais funções da indústria cinematográfica em nosso país, pois as representações sociais negativas sobre o homem preto no cinema contribuem para a manutenção da hegemonia da masculinidade branca (Candido *et al.*, 2016; Correa 2018; Correa 2019; Prado & Ferreira, 2019; Souza, 2017; Vitelli, 2011).

Tabela 2. Percentual de homens pretos com estereótipos do “Mito Negro”

<i>ANO</i>	<i>PERCENTUAL</i>
2012	57,14%
2013	100%
2014	60%
2015	100,00%
2016	100%
2017	-
2018	-
2019	0

Elaborado pelos autores

Portanto, as evidências de que a grande parte dos personagens pretos analisados foram apresentados de forma subalternizada por meio dos estereótipos do “Mito Negro”, coadunam com a análise de Souza (1983), a qual aponta que a distribuição dos sujeitos em diferentes posições sociais é contingente à raça, ou seja, quanto mais próximo do padrão do homem branco, maior a possibilidade de conseguir melhores posições sociais, visto que este é pré-estabelecido historicamente como referência.

3.3 PROCESSOS DE APRENDIZAGEM E ESTEREÓTIPOS DO ‘MITO NEGRO’ NO CINEMA BRASILEIRO

Como mencionado no início do texto, o racismo pode ser compreendido como um conjunto de práticas culturais que são passadas entre gerações, e os estereótipos do “Mito Negro” fazem parte dessa gama de práticas. Portanto, ao longo de sua história de socialização, as pessoas frequentemente aprendem relações simbólicas entre negros e estímulos aversivos (Mizael, 2019), de tal modo que os negros adquirem repertórios comportamentais com função de negação de seus traços negroides ou até mesmo de sua cultura, aprendendo a rejeitar a si e àqueles com quem são parecidos (Souza, 1983). Exemplo disso é a situação descrita por um dos entrevistados por Souza, o qual revela “Eu fui barrado na porta do Conservatório Nacional de Teatro e depois soube que o porteiro (que era negro) teve vergonha de eu ser negro e fazer sujeira por lá” (Souza, 1983, p.30).

Dentre os processos pelos quais aprendemos a reproduzir práticas racistas, podemos citar a modelação; a modelagem; e a aprendizagem por regras. A primeira refere-se a processos de aprendizagem através da observação, em que quando um sujeito observa a relação entre as respostas de outra pessoa e suas consequências de outra pessoa, o observador aprende que resposta provavelmente será reforçada ao se comportar em situação semelhante à que ele observou (Sudo, Souza & Costa, 2006). Nesse sentido, considerando um ambiente social racista, os estereótipos de raça podem ter a função de modelo comportamental a ser seguido. Por exemplo, se um sujeito observa nos filmes nacionais que o homem preto é feio, miserável, exótico, ruim, superpotente sexualmente ou despossuído de valores, civilidade e humanidade, é provável que tais concepções sejam aprendidas e com possibilidade de serem reforçadas em suas relações com a comunidade verbal.

Ademais, a modelagem ocorre através do reforço diferencial, ou seja, quando se reforça uma série de aproximações sucessivas, algumas respostas são reforçadas e outras não, até se chegar na resposta alvo (Catania, 1999). Então, em experiências diretas com a contingência, o sujeito tem seu comportamento modelado. Logo, tudo aquilo que se aproxima de um padrão hegemônico na cultura (e.g. cabelo liso, nariz

fino, corpo magro, pele clara etc.) tem alta probabilidade de ser reforçado, e tudo que se afasta deste padrão será provavelmente punido. Isso ocorre, por exemplo, através da relação simbólica estabelecida e replicada entre elementos e imagens de negros e concepções rejeitadas pela cultura.

Por esse viés, cabe acrescentar que a aquisição de estereótipos raciais pode ser compreendida também por meio do paradigma de equivalência de estímulos, o qual é uma forma de compreender e desenvolver estudos de como o comportamento simbólico pode ser estabelecido através da formação de relações entre estímulos, algumas aprendidas de forma direta e outras sem ensino direto (Sidman & Tailby, 1982). O estudo de Mizael *et al.* (2016) apresentou que a comunidade verbal reforça determinados comportamentos dos sujeitos e atua como ambiente selecionador de práticas racistas. De forma que, em um momento de pré-teste os pesquisadores observaram que as crianças demonstraram um viés racial negativo para faces negras. Então, a fim de formar novas classes de equivalência entre faces negras e símbolos positivos, realizou-se um treino de emparelhamento com as fotos de pessoas negras relacionando-as com um estímulo abstrato X, o qual posteriormente foi relacionado a um símbolo positivo. Assim, foi notável a diminuição dos vieses negativos para faces negras (Mizael, 2019; Mizael *et al.*, 2016; Mizael, Dos Santos & De Rose, 2016). Desse modo, Mizael *et al.* (2016) demonstraram experimentalmente que estereótipos raciais podem ser estabelecidos e alterados através da formação de classes de equivalência.

Por fim, cabe citar o papel das regras nesse processo de aprendizagem de estereótipos. Paracampo e Albuquerque (2005) apresentam que regras são estímulos verbais antecedentes que podem descrever contingências, ou seja, podem descrever o comportamento a ser emitido, assim como, as condições de emissão e suas prováveis consequências, por exemplo: conselhos, ordem e leis. Assim, a nível de ilustração, um sujeito em contato com a comunidade verbal e seus produtos (como os filmes) pode aprender por regras a não se aproximar de pretos, pois eles são ruins e feios. Com isso, é perceptível a pluralidade nas formas possíveis de aprendizagem dos estereótipos do “Mito Negro” através de produtos culturais, e o quanto podem impactar negativamente a subjetividade da população preta.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do estudo apresentado, é perceptível a importância de estudar e debater sobre questões raciais. Embora o uso do termo “raça”, no âmbito da humanidade, tenha seu início em um contexto de exploração e de supervalorização do homem branco europeu, as relações sociais atuais tornam-se impossíveis de serem compreendidas sem este conceito (Almeida, 2018). Para além disso, ao ignorar ou assolar o uso das discussões de “raça”, conseqüentemente, a violência cotidiana que a população negra brasileira sofre, a desigualdade racial e até mesmo as representações negativas em produtos da cultura seriam ignorados.

Dessa forma, com este estudo verificou-se que as produções cinematográficas brasileiras de maior bilheteria dos últimos oito anos (2012-2019) listadas pela ANCINE, apresentaram uma baixa inclusão de homens pretos em suas obras e uma expressiva replicação do “Mito Negro”. Portanto, é válido ressaltar a importância de novos estudos com indicadores novos, ou até mesmo verificar a mudança ou estabilidade dos indicadores apresentados neste texto. Além disso, é válido mencionar o fato de o índice de concordância não ter atingido um percentual adequado, à este resultado, estabelecemos a hipótese de que, neste estudo, o letramento racial não foi um pré-requisito para a seleção de auxiliares de pesquisa. Assim, recomendamos que em novos estudos os auxiliares de pesquisa tenham letramento racial ou sejam mesclados com aqueles que não sejam letrados racialmente.

Ademais, apesar da Análise do Comportamento ter aparato teórico e prático com potencialidade para investigações sobre questões de raça e gênero, ainda são poucas produções voltadas para tais temáticas.

Apesar disso, como mencionado, produções anteriores já demonstram resultados promissores da ciência comportamental para a investigação de fenômenos raciais (Mizael, Santos & de Rose, 2016; Mizael, 2019) e convocam analistas do comportamento para a continuidade de tais investigações. Nesse sentido, este estudo concentra-se no campo teórico, mas é válido ressaltar a importância de que sejam elaborados estudos empíricos que envolvam produtos da cultura e viés racial.

Para mais, verificou-se nesta pesquisa a potencialidade do cinema na replicação dos estereótipos raciais do “Mito Negro”, mas são válidas também investigações futuras que evidenciem a potência desses produtos da cultura na função de reprodução de práticas antirracistas. Afinal, da mesma maneira que produções cinematográficas podem ensinar as relações com valência negativa: A) Homem negro → B) Miserável; B) Miserável → C) ruim; e derivar a relação “Homem negro é ruim”, tais relações com valência positiva também poderiam ser ensinadas: A) Homem negro → B) Trabalhador; B) Trabalhador → C) Honestidade, logo, Homem negro é honesto.

Correa (2018), por exemplo, aponta algumas curtas-metragens que podem ser usadas como práticas pedagógicas para abordar masculinidades negras e pautas importantes sobre a população negra brasileira, tais como: *Picolé, Pintinho e Pipa* (2006; direção: Gustavo Mello); e *Esconde-Esconde* (2016; direção: Don Felipe). Portanto, percebe-se que ainda existe muito a ser produzido e aplicado no campo dos conhecimentos que amenizem os impactos das problemáticas raciais, afinal todo comportamento operante é passível de mudança.

REFERÊNCIAS

- Almeida, S. (2018). *O que é racismo estrutural?*. Belo Horizonte: Letramento.
- Agência Nacional do Cinema. (2019). *Anuário Estatístico do Cinema Brasileiro 2019*. https://oca.ancine.gov.br/sites/default/files/repositorio/pdf/anuario_2019.pdf.
- Brunelli, A. F. (2016). Estereótipos e desigualdades sociais: contribuições da psicologia social à análise do discurso. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 58(1), 25-43. <https://doi.org/10.20396/cel.v58i1.8646152>.
- Candido, M. R., Daflon, V. T., & Júnior, J. F. (2016). Cor e Gênero no cinema comercial brasileiro: Uma análise dos filmes de maior bilheteria. *Revista do centro de pesquisa e formação*, 3, 116-135.
- Catania, A. (1999). *Aprendizagem: comportamento, linguagem e cognição*. Porto Alegre: Artmed.
- Connell, R. (1995). Políticas de Masculinidade. *Educação & Realidade*, 20(2), 185-208.
- Dittrich, A., Todorov, J., Martone, R., & Machado, V. (2013). Agências de controle. In: M. B. Moreira (Org.), *Comportamento e práticas culturais* (pp. 137– 167). Brasília: Instituto Walden.
- Melo, H. N. (2020). A complexidade do racismo estrutural: redução de trabalhadores à condição análoga a de escravos como continuidade do sistema econômico escravocrata. *Revista de direitos fundamentais nas relações do trabalho, sociais e empresariais*, 6(2), 22-38. <https://doi.org/10.26668/indexlawjournals/2526-009x/2020.v6i2.7152>.
- Candido, M., Daflon, V., & Feres Júnior, J. (2016). Cor e Gênero no cinema comercial brasileiro: Uma análise dos filmes de maior bilheteria. *Revista do centro de pesquisa e formação*, 116-135.
- Correa, M. A. (2018). Masculinidades negras em movimento – O cinema negro como prática de colonial na Educação. *Revist. Aleph*, 68-101. <https://doi.org/10.22409/revistaleph.v0i31.39273>.
- Correa, M. A. (2019). Meninos negros vão ao cinema: inovações nas representações cinematográficas como reinvenção das estéticas negras. *Cadernos de Gênero e Diversidade*, 5, 216-230. <https://doi.org/10.9771/cgd.v5i2.29275>.

- Dittrich, A. *Behaviorismo radical, ética e política: aspectos teóricos do compromisso social*. (2004). [Tese de Doutorado, Universidade Federal de São Carlos]. Repositório Institucional UFSCar. Recuperado de: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/4745?show=full>.
- Felipe, D. (2016) *Esconde-Esconde* [Filme]. Quadro Negro TV e Lubo Produções Artísticas.
- Galvão, M., P., Pluye, P & Ricarte, I. L. (2017). Métodos de pesquisa mistos e evidências de literatura mistas: conceitos, construção e critérios de avaliação. *Revista de Ciência da Informação e Documentação*, 8(2), 4. <https://doi.org/10.11606/issn.2178-2075.v8i2p4-24>.
- Glenn, S.S. & Malott, M.E. (2004). Complexity and selection: Implications for organizational change. *Behavior and Social Issues*, 13, 89 – 106.
- Gramsci, A. (2001). *Cadernos do cárcere: temas de cultura, ação católica, americanismo e fordismo*. Civilização Brasileira.
- Hooks, B. (1981). *Ain't I a woman? Black women and feminism*. South End Press.
- Paracampo, C., & Albuquerque, L. (2005). Comportamento controlado por regras: revisão crítica de proposições conceituais e resultados experimentais. *Interação Em Psicologia*, 9(2). Recuperado de: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/4798/3681>.
- Prado Júnior, C. (1961). *Formação do Brasil Contemporâneo (Colônia)*. Brasiliense.
- Kripka, R. M., Morgana, S, & Danusa L. B. (2015). Pesquisa Documental: considerações sobre conceitos e características na Pesquisa Qualitativa. *CIAIQ2015*, 2. Recuperado de: <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2015/article/view/252>.
- Mello, G. (2006). *Picolé, Pintinho e Pipa* [Filme]. Luciana Bezerra.
- Mendes, A. I., Arrais, K. C & Fukusima, S. S. (2009). Faces prototípicas provenientes de amostras populacionais de uma região brasileira. *Psicologia: Reflexão E Crítica*, 22(2), 261–268. <https://doi.org/10.1590/s0102-79722009000200013>.
- Mizael, T. M. (2019). *Redução do preconceito racial: uma investigação analítico-comportamental* [Tese de Doutorado, Universidade Federal de São Carlos]. Repositório Institucional UFSCar. Recuperado de: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/12195>.
- Mizael, T. M, Silvana, L. & De Rose, J. C. (2016). Contribuições do paradigma de equivalência de estímulos para o estudo das atitudes. *Interação em Psicologia*, 20(2), 124-134. <https://doi.org/10.5380/psi.v20i2.46278>.
- Mizael, T. M. De Almeida, J. S., Carolina & De Rose, J. C. (2016). Changing racial bias by transfer of functions in equivalence classes. *The Psychological Record*, 66, 451-462. <https://doi.org/10.1007/s40732-016-0185-0>.
- Mizael, T. M. & De Rose, J. C. (2017). Análise do comportamento e preconceito racial: Possibilidades de interpretação e desafios. *Acta Comportamental*, 25(3), 365-377. Recuperado de: <http://www.revistas.unam.mx/index.php/acom/article/view/61632>.
- Moroz, M., & Rubano, D. R. (2005). Subjetividade: a interpretação do behaviorismo radical. *Psic. Da Ed.*, v. 20, pp. 119-135. Recuperado de: <https://revistas.pucsp.br/index.php/psicoeduca/article/view/43337>.
- Petrucci, J. R., & Saboia, A. L. (2013). *Características étnico raciais da população: Classificações e identidades*. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
- Prado, E. E., & Ferreira, C. (2019). Problematizando estereótipos: masculinidades negras no cinema brasileiro. *XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste*, 1-10. Recuperado de: <https://portalintercom.org.br/anais/centrooeste2019/resumos/R66-0596-1.pdf>.
- Sales, M., & Pereira, A. C. (2020). Contracinema: mulher e território nos filmes *yvonne kane* (2015), de Margarida Cardoso e *Praça Paris* (2017), de Lucia Murat. *Revista TransVersos*, 19. <https://doi.org/10.12957/transversos.2020.52461>.
- Silva, M. L., & Araújo, W. F. (2020). Biopolítica, racismo estrutural-algorítmico e subjetividade. *Educação Unisinos*, 24(1), 1–20. <https://doi.org/10.4013/edu.2020.241.40>.

- Sidman, M., & Tailby, W. (1982). Conditional discrimination vs. matching to sample: An expansion of the testing paradigm. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 37, 5-22. <https://doi.org/10.1901/jeab.1982.37-5>.
- Skinner, B. (2003). *Ciência e comportamento humano* (11ª ed.). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1953).
- Skinner, B. F. (2002). *Beyond freedom and dignity*. Alfred A. Knopf. (Trabalho original publicado em 1971).
- Souza, H. R. (2017). King Kong (o rei do congo): representações e estereótipos sobre os homens negros. *VI Coloquio Internacional de Estudios Sobre Hombres y Masculinidades*, 1-15.
- Souza, N. (1983). *Tornar-se Negro* (2ª ed.). Graal.
- Stangor, C. & Lange, J. (1994). Mental representations of social groups: Advances in conceptualizing stereotypes and stereotyping. *Advances in Experimental Social Psychology*, 26, 357-416. [https://doi.org/10.1016/S0065-2601\(08\)60157-4](https://doi.org/10.1016/S0065-2601(08)60157-4).
- Sudo, C. H., Souza, S. R., & Costa, C. E. (2006). Instrução e modelação no treinamento de mães no auxílio à tarefa escolar. *Rev. bras. ter. comport. cogn*, vol.8, n.1, pp. 59-72. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452006000100006.
- Vitelli, C. (2011). Representações das masculinidades hegemônicas e subalternas no cinema. *Análise Social*, 46(198), 157-169. Recuperado de <http://www.jstor.org/stable/41330820>.
- Zanello, V. (2018). *Saúde Mental, Gênero e Dispositivos: Cultura e processos de subjetivação* (1ª ed.). Appris.

Todos os autores contribuíram para o desenvolvimento do estudo. Na parte da escrita, os quatro (V, L, NRM e NSM) contribuíram. No processo de orientação a NSM ficou responsável e na formatação V e NRM se dedicaram. Foram informadas apenas as iniciais dos autores devido questões de sigilo.